“TRISTE FIM DE POLICARPO QUARESMA”: UMA INTERPRETAÇÃO DO HOMEM SOCIAL

Maria Izabel Porto de Souza *

Em “Triste fim de Policarpo Quaresma”, traçamos um painel com as teorias da “força-nietzsche” e da “rebelião-hobbes”.

Na primeira unidade, tratamos de mostrar a “tendência a um mais” dos personagens inseridos no contexto ficcional barretiano, seccionada em duas linhas: uma voltada para o “mundo do parecer” e a outra para o “mundo do ser”.

Neste impulso para o somar, repercute a “oposição” de forças, cujas intensidades diferentes, geram o conflito policarpeano, assumido como um duplo de identidade: o ser/real x o ser/ideal.

Esta “vontade de potência” latente no movimento dos personagens para o crescimento, quer interior como social, estabelece a “vontade de domínio”. Tal desejo é marcado pelas agressões verbais, físicas e sociais transferidas para Policarpo, na sua tentativa de metamorfosear a realidade circundante.

Todo esse processo de sujeição e oposição é apresentado satírica e ironicamente por Lima Barreto, que investe contra a sociedade mantenedora das aparências corruptíveis.

Na segunda unidade, patenteamos a “interpretação incubada” do oprimido Quaresma, que não encontrando válvulas de escape para o seu descontentamento, na estrutura do poder dominante, produz uma imagem invertida da alimentada em seu “interior”. Este ressentimento provoca então a “rejeição” dos padrões político/administrativos da sociedade florianiana. Irrompido da repressão, o ideal de Policarpo se interioriza — fazendo potenciar o indivíduo portador da consciência crítica capaz de “acusar”, um regime político-social que lhe fora ilusionista.

Na terceira unidade, apresentamos a dualidade-divorciada, do “fazer” e “olhar” hobbianos, concebadora da “rebelião”. Policarpo possuidor do “poder de olhar”, torna-se “signo” contra o “fazer inconseqüente” da “marca republicana”.

Em todas estas facetas, mais amiúde analisadas no corpo deste trabalho, percebemos a arte magistral deste Lima Barreto, cuja potência-força enriquece a obra, através de uma visão crítica da sociedade estereotipada pela hipocrisia e violência pública.

O homem social, se nos abre como um oprimido, cuja potência-força é descarnada de toda e qualquer intenção de criação. Com este enfoque, Lima Barreto, deixa-nos a sensação sutil da “impotencialidade” da massa anônima, que no entanto, desnuda a podridão de um sistema governamental ineficiente.

I — OS EFEITOS DA FORÇA NIETZSCHENIANA EM “TRISTE FIM DE POLICARPO QUARESMA”.

1.1 — A FORÇA PLURAL (TENDÊNCIA A UM MAIS)

Segundo Nietzsche a “força” é fonte de toda ação, sendo um elemento dinâmico que cria a realidade.

Dentro desta perspectiva de dinamicidade, exclui o ÚNICO e acentua o MÚLTIPLO. Isto decorre, da consideração, de que a força é ao mesmo tempo “intensidade” (vontade de potência) e “atividade” (potência), fato que elimina a “força absolutista”, cujo estatismo e uniformidade rege a conservação e a persistência, e prodigaliza a “força pluralidade”, cuja dinamicidade e disjunção, marca a tendência a um mais, ao aumento, ao crescimento.

Assim sendo, contraria as teorias da influência do meio e das causas exteriores, defendidas pelos Taines, Darwins e Spencers da vida, para os quais só existe a “força conservação”, provocada por excitantes externos preponderantes. Considera a força como “mutação”, a que traz em si os germes da sua própria transformação, interiorizados na forma de “vontade de potência”, que prescinde de agentes externos. Centrífugo é o poder da força.

Desta forma, a força aumentada, corresponde a uma outra consciência, a outras sensações, a outros desejos, a uma outra perspectiva, pois o próprio crescimento é um desejo de ser mais. Nietzsche: “uma força invariável não pode subsistir na medida em que ela se define sempre como uma atividade tendente ao aumento. É no ser vivo justamente, que se pode demonstrar com mais evidência que ele faz tudo, não para se conservar, mas para crescer”.

Partindo deste princípio que rege o “indivíduo”, podemos encontrar na obra barretiana uma série de “tendências a um mais”, quer no aspecto social, individual, artístico ou profissional. É o que se nos apresenta no escriturário Genélio, que procura ascender profissional e socialmente através da bajulação no serviço público, recitando sonetos em datas festivas dos chefes, familiares destes e pessoas influentes; veloriando em “mortes de interesse” e atuando como um “gênio do papelório e das informações”. Alinham-se nesta mesma propensão, o General Albernaz, que procura crescer através dos casamentos bem-conceituados das filhas — realizando as festas casadoras. O Ricardo Coração dos Outros, que tende a aperfeiçoar a sua arte violreira para ser reconhecido pela alta-burguesia botafoguense. Os militares reformados — o Contra-Almirante Caldas, o Major Inocêncio — que procuram a nomeata de galões mais elevados, através de requerimentos enviados aos Conselho Naval e Supremo Tribunal Militar. As moças “caça-marido” como Olga e Ismênia, em busca de um matrimônio doutorado. E, principalmente, Policarpo, que tende ao aumento, através das suas obsessivas idéias nacionalistas.

Como se efetuam estes crescimentos?

No grupo dos burocratas, doutores, deputados e militares reformados, através do “mundo do parecer”, pois as regras de admissão ao desejo de ser mais, são realizadas

através do “pistolonato”, como é o caso do filho de Albernaz, que entra na Escola Militar, através deste estratagema, ou ainda, por meio do prestígio adquirido com a adulação, o nepotismo, para a ascensão na carreira. Como representantes tipificados destas falcatruas, estão Genelício e o Dr. Armando Borges, marido de Olga, que além da adulação interesseira, se utilizam do verbo para escrever artigos, traduzindo-se em escritores em potencial, como meio de promoção social. Lima Barreto, neste enfoque, investe e satiriza a função do escritor que se desvirtuou, que se rebaixou e vendeu, fazendo de seu texto e de sua presença jogo doméstico ou de salão.

Os casamentos não fogem a esta regra do “parecer”, sendo escolhidos como pretendentes os “bem-posicionados” ou “doutorados”. A união matrimonial é pleiteada como um “descontar de letras”, um comércio de compra e venda. Com isto, Barreto, satiriza esta instituição social falida, que se apresenta tanto para Olga como para Ismênia, como uma obrigação social, uma necessidade material, sem qualquer vínculo emotivo. Toma-se o caso de Olga Coleoni, que para preencher o ritual mítico do “casamento com um doutor”, escolhe para companheiro, sem amá-lo, ao doutorando Armando Borges, apresentado como o típico médico abacharelado, meio-charlatão, receitando e medicando de forma aleatória, oportunista e metido a literato.

Dr. Campos, presidente da Câmara, do município de Curuzu, é outro exemplar, do desejo de ser mais, incrustado na ambição subserviente, que almeja o poder. Como médico, possui uma lista de diagnósticos que utiliza indiscriminadamente, e como político exerce a violência política oficializada.

A satirização do “doutoramento”, como canudo de papel que depois de obtido, abre portas, cria cargos e promove socialmente o felizardo é apresentada, na alta consideração e reputação destes “formandos” no meio suburbano e em citações como: “O Dr. Bulhões tinha grande reputação nos subúrbios, não como médico, pois que nem óleo de ricino receitava, mas como entendido em legislação telegráfica, por ser chefe da secção da Secretaria de Telégrafos” ou “o Dr. Florêncio era mais um guarda de encanamentos do que mesmo um engenheiro.”

Emerge desta forma, o explícito esvaziamento semântico do “doutorado”, que conota apenas significados sempre relacionados à inércia mental, empreguismo e oportunismo.

Cabe ressaltar, que a “tendência a um mais” deste grupo, que domina um ângulo da narrativa, é um crescer sem consciência crítica, dotada apenas da mediocridade e da consciência acrítica. Nesta concepção, esta força aumentada, não apresenta outra consciência, outra perspectiva, senão a já existente da corrupção social. O “mais um” se qualifica pela manutenção e sugação da mordomia burocrata/legislativa in/presentia, com o aumento do poder político, econômico e social, sem pretensões a uma nova forma de governo.

Onde encontramos, portanto, a força crescente em direção a uma outra consciência, a um outro desejo e a outras sensações?

Em Policarpo Quaresma, símbolo da inteligência, da consciência crítica, que produz em seu interior outro desejo: o de um novo sistema político e social, e outras sensações: a inquietação, que o leva à “loucura”, pois esta virulência quer trans — formar.

O seu crescimento vai da forma embrionária, do interesse pelas coisas nacionais à práxis da opinião, que *lhe confere*, através da impotência da ação, o estigma de “louco”. Ora, o que representa a loucura em Policarpo? Uma insanidade ou a existência de uma consciência? Eis a questão, ser ou não-ser. Quaresma, envereda pelo caminho do “ser — tão”, da consciência crítica, que assume vestes de “loucura”, e justamente por esta interpretação social que beneficia o crescimento acritico, acaba isolado no ermo árido e sofrido do seu interior social.

Policarpo, indivíduo sonhador, mediatizando a realidade dos livros, perseguido por uma idéia em desacordo com o mundo circundante, não cede à tentativa de transmutar a realidade que o cerca, para tanto faz de cada humilhação, de cada incompreensão, de cada sujeição, sinônimo de crescimento da sua “força interior”, do seu “mundo quixoteano”, que o conduz, na medida que o balanceia com o “mundo real”, a uma consciência questionadora e crítica. Esta o impulsiona para a criação de soluções para o melhor governo do país. Entretanto, dada a indiferença de Floriano à sua clarivisão, acaba por verter nas aguaduras da desilusão, elemento não refutável, já que se torna acionista da sua última tentativa de ser compreendido, remetendo ao Logos como voz-contrária às opressões do estado.

Há, portanto, em Policarpo, um crescendo de consciência é de atitudes, no que se poderia denominar, de “intensidade” e “atividade” da sua força motriz. De uma “consciência nativista” ascende a uma “consciência crítica” e “acusadora”, e da “atitude incubada” passa para a “atuante”, através da querência do uso do tupi como língua oficial e do memorial com medidas necessárias para o levantamento da agricultura, indicando os entraves oriundos dos latifúndios, das exações fiscais, da carestia de fretes, da estreiteza dos mercados e das violações políticas. Tais ações e argumentos são colocados na ordem do dia, como impotencialidades. Rejeitadas, tornam-se motivo de galhofa e são arquivadas com o título de alquimia visionária.

Entretanto, no momento de maior potência, gerado do sofrimento interiorizado em Policarpo, amarram-se consciência (intensidade) e atitude (atividade), para eclodir na forma de escritura/acusação, onde a palavra surge como uma desesperada tentativa de transgredir a relação de sujeição; carta à irmã Adelaide, comunicando-lhe a decepção, e carta a Floriano, denunciando o estado opressor. É a última presença de Quaresma, o patriota, que rotulado de enfermo — o louco — traz à tona os problemas de um sistema enfermo. Por esta razão, a desilusão, não se constitui numa tendência a um menos, ao contrário, ao “mais” em potência, pois representa o ponto cruciante de uma consciência crítica: a *denúncia*.

Policarpo é dentro de tal panorama, o que podemos considerar o “subversivo”, aquele cujos pensamentos representam um perigo, para a cômoda situação política/econômica/social, reinante.

Como elemento “transformador” é perfilado ao lado dos insanos, dos inconseqüentes, quer entre os seus suburbanos vizinhos, quer entre as forças burocráticas da sociedade. É com desdém que o Dr. Segadas, um clínico afamado no subúrbio, não podia admitir que Quaresma tivesse livros: “Se não era formado, para quê? Pedantismo!” O dito é repetido por Genelício, quando da festa de noivado de Ismênia, na casa de Albernaz, traz a notícia do internamento de Policarpo, acentuando a presença do livro, como componente do mito do doutor. Por outro lado, Floriano o considera um “visionário”.

Estas indisposições para com Policarpo, demonstram que a sua tendência a um mais, conotada pela “intelectualidade” é obstaculizada pelo “plus” da mediocridade, que como tal acentua a força de cada membro do sistema, os quais possuidores de uma “fragilidade pessoal”, só encontram esta: potência. na funcionalidade interesseira do conjunto.

A brusca popularidade de Policarpo, servindo de motivo para as piadas jornalísticas, indis põe seus colegas e chefes contra ele, um amanuense como ele, que se atrevera a dirigir-se ao Congresso, propondo uma idéia. Esta incompreensão para com a atitude policarpeana, uma nítida intenção ingênua de ascender às coisas nacionais, fomenta como se Quaresma tivesse quebrado um limite, uma regra imposta a todos os subalternos.

Policarpo é por assim dizer o “novo” que não encontra abraços num sistema entranhado por uma administração emperrada, o que não o impede de crescer nas malhas de uma consciência analítica, que na impossibilidade de mudar as cercanias, desfere o último dardo em forma de *acusação*. E é preciso muito crescimento interior para chegar à lucidez do *ver* e à coragem do *dizer*.

Outro elemento que apresenta este (+) como força acionadora do devir é Ricardo Coração dos Outros, um dos poucos amigos de Policarpo, que permanece do seu lado, desde o início ao fim da narrativa. Esta proximidade reflete a sua “identidade” com o Major no que diz respeito ao amor pela viola e pela modinha popular, segmento nacionalista.

Como artista, procura crescer na sua arte, aperfeiçoando-a, e ao mesmo tempo tende à ascensão social, por intermédio da fama que deseja reconhecida na alta burguesia botafoguense. Embora, com menor intensidade, não deixa de ser um “sonhador” como Quaresma, imaginando uma glória nos altos centros sociais, e um reconhecimento da viola, vulgarizada e marginalizada, nos escalões culturais do país.

Em Ricardo Coração dos Outros, Lima Barreto, coloca a situação periférica do artista do povo, o artesão, que por falta de um reconhecimento nacional, aos poucos sucumbe, sem deixar descendentes. É a “arte popular” agonizante no seu leito de morte, pela ausência de apoio histórico/cultural. O Major Quaresma, o “consciente insano” é o que lhe dá sustento, não pelo simples prazer festeiro, mas pela compreensão profunda do valor da arte do povo — este “coração dos outros”, que aos poucos deixa de ser a identidade de uma raça e de uma nação.

Todos estes personagens/tipificados em “Triste fim de Policarpo Quaresma”, apresentam-se em regra como dependentes de todas as artimanhas da sujeição, no espetáculo diário do mundo do parecer. Todos sem exceção, com ou sem consciência, na projeção de suas forças, para o crescimento, estão sujeitos a outra força, a histórica/cultural, que os impede

de serem “sujeitos da sua história”. Esta obstrução marca nos inconscientes, a cooptação; e nos conscientes (Policarpo) a revolta e a destruição.

Até aqui, vimos a engrenagem da força nietzscheniana voltada para o acréscimo individual, com amarras sociais, profissionais, políticas, econômicas e artísticas.

Como dentro deste tablado existencial se delinea o espaço geográfico?

O espaço geográfico de tintas urbanas, apresenta-se seccionado em duas forças desiguais: o subúrbio (a baixa burguesia) e Botafogo (a alta burguesia).

O espaço suburbano, amplamente focalizado, mostra-se ao revés do foco, restrito e circunflexo aos seus limites parcos e estreitos, diante da inanição política/administrativa que o pretere.

Ao contrário das teorias deterministas, onde os excitantes externos são o prelúdio de uma força absolutista, de permanência e conservação, as colocações anteriores demonstram que os moradores do subúrbio, entre eles Policarpo, são tendências a extrapolar os limites deste “sub-habitat”, quer através de um crescimento interior ou intelectualizado, quer através da ascensão social. O fracasso no empreendimento não se dá pela falta de “vontade de potência”, mas pelo embate com outra força (a do poder), que gera a “força opressiva”. Esta situação, entretanto, não pode ser considerada como irreversível, já que sendo a força uma pluralidade, não existe conjunto dominante ou dominado estável. O caso de Vicente Coleoni e sua filha Olga, demonstra claramente a possibilidade de ser rompida a clausura do subúrbio, pois de quitandeiro chega a empreiteiro, e enriquecido passa a morar em Botafogo, reduto alto-burguês. Embora Coleoni caiba mal na nova conjuntura, sentindo-se como um peixe fora da água, sua filha, ao contrário, adquire os conceitos deste novo espaço e sujeita-se às suas normas. Este rompimento, com a circularidade proposta pelo subúrbio, só foi viável diante da “pluralidade” de forças que preceituam o crescimento, a possibilidade de se romper o Aqui e o Agora.

O espaço botafoguista é o espaço da consagração nacional, do acesso à glória, ao dinheiro e à impunidade. Caso do Dr. Armando Borges, que casa-se com Olga, para penetrar e usufruir deste ambiente que cultua a superficialidade.

Apresenta a coroa da moeda, onde a cara é o subúrbio. Neste microcosmos é alimentada a tendência ao mais (poder), explorando e aliciando as populações suburbanas. Botafogo encerra os malefícios de uma sociedade movida pelas aparências, ressaltando Lima Barreto a crítica ferrenha contra um sistema de autoridade social, política e financeira, que não preenche qualquer quesito de liderança real.

Estes dois espaços, forças antagônicas; uma pretendendo sair do anonimato, a outra buscando mais domínio — demonstram a falsidade do sistema de relações sociais, caricaturalmente satirizadas nas amigáveis interesseiras, nos falsos literatos, doutores e burocratas, na guerra fria para comer do prato do poder e subir degraus em busca da fama.

Constituem estes “espaços focalizados”, um preterido, o outro super-protégido, uma das razões dos conflitos quaresmianos e do levante insuflado contra o poder impotente de Floriano.

Os comportamentos neles inseridos são estereotipados na linha satírica de Lima Barreto, onde vencem os menos dotados, os acríticos, que lutam por um lugar dentro do sistema, e jogam com regras assumidas como absolutas. Policarpo, homem do subúrbio, que se auto-perfeioou, representa com a sua sagacidade renovadora, um perigo para estas regras assumidas como absolutas. Assim sendo, para que o sistema vigente não se metamorfoseie é redeado pela força da opressão, da sujeição, da dominação.

1.2 — A FORÇA TENSÃO

A tendência a um mais de que fala Nietzsche, não se dá em forma de agregação, mas de oposição. Isto ocorre, porque a força sendo intensidade, ela diz *diferença*, e num conjunto de forças diferentes ocorre a “*tensão da pluralidade*” — o conflito — precursor de novas forças. É portanto, por meio da instabilidade, do *desequilíbrio*, provocado por este confronto de vértices opostos, que surge a “*luta*”, destinatária da transmutação, do mais um, pois se as forças fossem gêmeas, elas se manteriam num *neutralizador equilíbrio*. Nietzsche: “Há sempre no *mínimo*, dois elementos desiguais em força, o que se atinge é uma nova combinação de forças.”

Desta forma, o conflito indica um *desequilíbrio* essencial, onde reina a diferença, sendo excluída a permanência e com ela o *equilíbrio* do campo.

Diante deste enfoque que remete a um sistema de diferenças, a força é relativa, ou seja, é banido o Único e se posiciona o confronto de forças (a *tensão de pluralidade*). E é este exatamente o sentido do “conflito”: um sistema de intensidades diferentes, que transportam ao: “que força cede?”, “que força ganha?”.

Conclui-se, portanto, que o conflito não tece uma malha conservadora, mas uma malha inovadora.

Vimos no item anterior, que os personagens em ação no espaço ficcional barretiano, não são regidos pela fixidez, mas pela tendência ao *acréscimo*.

Esta atitude de continuidade crescente, estabelece em Policarpo, o *desequilíbrio* em alta tensão. Esta “*tensão*” é fruto da existência de duas forças desiguais, portanto possuidoras de intensidades diferentes, que dominam o seu existencial. Policarpo, debate-se entre duas formas de sociedade: a vivenciada e a idealizada.

Policarpo é duplo, vive num ambiente acomodado e rotineiro, nas quatro paredes de uma repartição pública sem probabilidades criadoras e nas quatro de sua casa, no ritmo relaxado e moleirão da sociedade alienada a que pertence. A esta força, contrapõe-se, a idealizada (a sua inquietude interior), na busca de uma sociedade mais autêntica. Quando tenta aplicar o seu “*mundo imaginário*”, no “*mundo real*”, através de suas visões nacionalistas, entra em conflito. É o que acontece com a repercussão do seu “*tupi*” entre os congressistas, quando todos o censuram, inclusive seus colegas de repartição, rotulando-o de “*doido*”.

Diante desta agressão moral a que é submetido, Quaresma em resposta a Ricardo Coração dos Outros, que profetiza “o consolo do sonhar”, profere: “consola, talvez; mas faz-nos também diferentes dos outros, cava abismos entre os homens”. Quaresma é num

sentido lato, uma força diferente entre as demais, daí a sua tempestuosa instabilidade, que o conduz ao hospício. Insano, porque diferente, porque consciente da necessidade de se mudar as “aparências” da sociedade vivenciada, pela “autenticidade” da sociedade idealizada, ou de pelo menos, do confronto destas duas forças, ser gerada uma “nova” — uma sociedade onde se desse importância aos valores realmente humanos.

Além deste conflito interiorizado em Policarpo, originário do confronto entre o seu Eu e o Mundo, encontramos no decorrer da narrativa, relações de conflito entre o Sujeito Quaresma e o Outro. Temos assim, o choque entre Policarpo e o General da Secretaria de Guerra, Policarpo e o Dr. Campos/tenente Antonino. Policarpo e Floriano. Em todas estas relações sobressai o acareamento de duas forças antagônicas — inteligência x autoridade.

Policarpo tem a inteligência, a consciência crítica, mas não tem o poder, enquanto que os outros elementos têm o poder, mas lhes falta a consciência crítica. Disto resulta, que a “inteligência”, como fator de análise, de criatividade, de força renovadora, diante da situação repressiva e medíocre é portadora do vírus da sujeição, contágio recebido da “autoridade” que injeta nos indivíduos que tentam escapar à regra, à opressão.

Esta impotência de Quaresma é responsável pelo seu conflito — o desejo de criar cerceado pelo desmazelo da realidade corrosível — vencendo afinal a força da realidade, que o aprisiona e o elimina. A atitude decepcionante, surgida da ausência das deformações que faziam reinar o desajuste, traz à tona a perplexidade diante dos fatos:

“O tupi encontrou a incredulidade geral, o riso, a mofa, o escárnio; e levou-o à loucura. Uma decepção. E a agricultura? Nada. As terras não eram ferazes e ela não era fácil como diziam os livros. Outra decepção. E, quando o seu patriotismo se fizera combatente, o que achara? Decepções. Onde estava a doçura da nossa gente? Pois ele não a viu combater como feras? Pois não a via matar prisioneiros inúmeros? Outra decepção. A sua vida era uma decepção, uma série, melhor, um encadeamento de decepções”.

A volta à realidade: “a pátria que quisera ter era um mito; era um fantasma criado por ele no silêncio do seu gabinete. A que existia de fato, era a do Tenente Antonino, a do Dr. Campos, a do homem do Itamarati”, responde às perguntas: que força cede? que força ganha?

Cede a força Quaresma que não tem o poder da autoridade e ganha a força Estado que tem sob suas malhas o arcabouço da reprimenda.

Policarpo Quaresma é portanto, o moderno anti-herói, envolto em introspecção, que desvenda a permanência da irracionalidade dos comportamentos e a fragmentação do “Eu”, como gomo da sujeição. É o fracassado, o sem-perspectivas, cuja morte, embora possa subentender o fim, a conservação, traz em si os focos para a mutação, para o surgimento de outra força, já que sucumbe em “luta” — violando as regras de admissão à sociedade corrupta, na denúncia da castração política e social.

Este conflito de “forças” aparece ainda em outros personagens, embora de forma mais sutil. O desequilíbrio de Ismênia, por exemplo, é a tensão entre a força de sua

natureza, formada pela educação casamenteira, e a realidade: a fraudulenta atitude de seu noivo, que fugindo, rompe o compromisso nupcial. Travando no seu interior um violento desajuste, entre a doutrinada necessidade de casar e a degenerada idéia de não-casar, acaba por ser consumida por um força suicidária.

Ricardo Coração dos Outros, também se vê em debate interior, quando a sua arte é rivalizada com outro violeiro, cuja concepção de modinha popular é mais erudicizada. Mas não é somente a produção artística que o faz entrar em pane, já que a cor do violeiro, negra, lhe faz conceber o desprestígio do instrumento, por cuja valoração lutava ardentemente. Este racismo, colocado até acima do valor cultural e artístico da arte do povo, nos remete à hipocrisia de uma sociedade que mede a arte pelas aparências, e é esta exatamente a “sociedade” desnudada por Lima Barreto.

Estas disjunções menores, refletem basicamente uma sociedade do não-ser, na medida em que tudo que é autenticidade - os ideais policarpescos, a arte popular, a constituição familiar, os direitos humanos e sociais, são deformados pela presença de um brilho falso.

A estes desacordos interiores, soma-se a “Guerra Civil”, desencadeada pela não aceitação do governo flácido, grosseiro, lerdo e mortiço de Floriano Peixoto. É a tensão duplicizando o sistema governamental; de um lado os adeptos de Floriano, do outro os militares insurgidos. A massa reprimida é arregimentada por Floriano em defesa da pátria, e a massa dos revoltosos por certo é a procura de um governo mais justo e mais consciente.

Policarpo dentro deste quadro, é o iludido pelo seu próprio patriotismo, já que acaba por perceber que lutara por um governo destituído de todo e qualquer interesse pela gente e pela terra nacional.

Da luta entre a “força situação” e a “força insurreição”, surge uma força ainda mais despótica, que escarniça os vencidos, numa “violência” ainda mais acentuada, para manter o poder de mando.

Mudanças — não são prescritas na obra barretiana — ficando apenas no ar, a certeza de que a “força”, sendo uma tendência a um mais, não perpétua poderes. Assim sendo, os conflitos continuarão, nos Policarpes conscientes, na busca de um mundo diferente.

Paira no ar, o último grito de Policarpo. Ele tem sentido.

1.3 — A FORÇA DOMINAÇÃO

A vontade de potência, sendo tendência ao aumento é impulso para a dominação. Do embate de forças, dentro do caráter de relatividade, ponteia a tendência à dominação: uma força será vencedora. Disto resulta que: a estrutura do poder é viva, sem nenhuma configuração estável.

Nietzsche: “em toda atividade trata-se de dominar, exigir da força que não se manifeste como força que não seja uma vontade de domínio, uma vontade de derrubar, uma vontade de submeter, uma sede de inimigos, de resistência e de triunfo é tão insensato como exigir da fraqueza a manifestação de força”.

Há, portanto, dentro do campo, forças disputando a dominação, e cada força é um centro explosivo: tentando dominar as demais, incorporá-las, crescer às expensas delas, aumentando, assim, o setor próprio da dominação.

Esta escalada à dominação é a luta pela subsistência, onde os indivíduos disputam entre si o espaço, ao qual os mais fracos se submetem.

Todos os conflitos sentenciados no item anterior, refluem esta luta por um domínio espacial que mantenha a subsistência.

Policarpo pretende manter o seu "espaço ideológico" nas pelejadas contra as agressões verbais, físicas e naturais a que é submetido. Por um lado enfrenta o sistema administrativo/político desnacionalizado e corrupto de Floriano Peixoto; e por outro as agruras da desacreditada agricultura.

Ismênia procurando o seu "espaço matrimonial", que lhe foge à medida que transfere o seu desafeto para o desejo do "espaço eterno", liberta-se da desonra social a que fora persuadida pela mãe.

Ricardo no enalço do seu "espaço artístico" em vias de extinção.

E, Floriano com seus adesistas lutando pelo "espaço do poder", para evitar uma virada de mesa. Esta garfa para manter o "espaço do domínio estatal" se configura em todo o desenrolar da narrativa, na aglutinação de interesseiros, falsos medalhões às atividades políticas e burocráticas, caricaturizados nos Genelicianos, Borgeanos e Cam-pistas.

Quando da explosão da revolta civil esta corrida à ascensão social e econômica se intensifica, pois "o governo precisando de simpatias e homens tinha que nomear, espalhar, prodigalizar, inverter, criar e distribuir empregos, ordenados, promoções e gratificações". O governo na sua fragilidade, incorpora estas forças interesseiras, para crescer às expensas delas, aumentando assim o seu setor de dominação.

Este "mundo do parecer", na sua tendência à dominação, utiliza todas as técnicas de agressão para anular o opositor, tirando-lhe constantemente o seu "ser", impedindo-lhe o "fazer", e provocando-lhe crises de identidade. Caso presentificado em Policarpo, cujas investidas oposicionistas, instabilizam o seu "ser" pela impotência do seu "fazer".

A "indiferença" é outro dispositivo de castração utilizado para dominar o que se atreve a contrariar as regras vigentes, ou que tende a mudar o que está erigido. É a indiferença de Floriano, símbolo de todo um sistema social em curso, ante o memorial e às idéias de Quaresma.

A agressão direta, física ou verbal é outro estratagema da sujeição, desencadeando situações de violência física: a prisão de Policarpo, ou verbais: o agressivo humor distribuído sem parcimônia nos jornais, a respeito do atrevimento de Policarpo; a humilhação frente ao diretor da Secretaria de Guerra, quando do envio do ofício em "tupi" para o ministério; os ofícios opressivos, cobrando impostos ou exigindo obrigações de parte do Dr. Campos com parceria do Tenente Antonino.

Estas relações de sujeição, provam que as forças sendo vontade de potência, de aumento, são um impulso à dominação.

Quem vence? Quem perde?

II — O PODER/DOMINANTE EM “TRISTE FIM DE POLICARPO QUARESMA.

2.1 — A INTERPRETAÇÃO DO DOMINADO

Segundo Nietzsche, a interpretação do dominado começa pela negação da interpretação do dominante. Assim, enquanto toda moral aristocrática nasce de uma triunfal afirmação de si própria, a moral dos dominados opõe desde logo um “não” àquilo que é exterior, àquilo que é Outro, àquilo que é o seu “não-eu”, e este “não” é o seu ato criador.

Esta resistência que o dominado opõe ao dominador, constitui um processo de interpretação oriunda da “repressão” e da “interiorização das pulsões” que, bloqueadas, voltam-se sobre si mesmas.

A interpretação incubada do dominado, se integra no conflito pelo poder, tomando, pela natureza de seu estado, a forma da “vingança”.

Indócil, o dominado, sua reação é o “ressentimento”, única modalidade de exteriorização permitida ao oprimido. O ressentimento destes seres, para os quais a genuína reação, a da ação é vedada, só encontra uma compensação numa “vingança imaginária”.

A força do dominado está exatamente na sua capacidade de produzir imagens. *Imagem invertida*: o produto do ressentimento toma de empréstimo a auto-interpretação do dominador para, negando-a, voltá-la contra a dominação dos dominantes.

Em Policarpo Quaresma, o duplo faz-se presente, assumindo as cores de um “Outro imaginário” em contraposição ao “Outro exterior real”. Este “Outro imaginário” que representa o seu “ser”, a sua “interpretação/ideológica” é a negação da “ideologia/interpretação” dos dominantes. Este “não” constitui o ato criador de Quaresma, porque fugindo às arestas interpretativas do poder mandatário, que se fortifica através da *mediocridade e do abandono às causas deficitárias nacionais*, se lança ao desejo de criar novas formas, capazes de edificar um poder real, com condições efetivas de governar republicamente.

Em virtude destas circunstâncias é que Policarpo esbarra com um presidente que o chama de “visionário”, que não avalia o alcance dos seus projetos, desinteressado que está pela sorte dos seus concidadãos, pelo enriquecimento do país, pelo progresso da sua lavoura e pelo bem-estar da sua população rural.

O “Outro imaginário”, dominado, e bloqueado pela repressão, se interioriza numa interpretação incubada — a ação idealizada, impotente na sua possibilidade, fecha-se em si mesma. A única reação permitida ao oprimido Quaresma é o ressentimento — a luta improdutiva que empreendera por uma pátria que era um mito criado pela sua cabeça — já que a genuína reação, a da ação, lhe é proibida.

Dentro desta não-perspectiva, ressentido, Policarpo acaba por produzir uma “imagem invertida” da que possuía. Esta imagem às avessas, corresponde à negação da “auto-interpretação” do dominador (Floriano), na forma de acusação da violência política e social.

Da incompatibilidade entre o “ideal impotente” e a “realidade onipotente”, Policarpo só encontra a compensação na forma da vingança (a denúncia), mesmo que o preço a pagar por esta atitude, tenha sido a morte.

2.2 — O IDEAL DO DOMINADO

O Estado nasce da síntese que pressupõe a redução do anárquico à forma. Dentro desta teoria Nietzscheana, o estado implica uma metamorfose essencial, os comportamentos da força são alterados, de tal forma que o retorno às pulsões livres e anárquicas, torna-se impossível. O estado divide os poderes, elabora os comportamentos e em toda parte instala-se a repressão.

O ideólogo Policarpo é dominado pelas pulsões livres e anárquicas do pensamento — criador das imagens nacionais ilusionistas. Assim, com relação aos padrões comportamentais geridos pelo “Estado”, o de Quaresma está desenquadrado, provocando a rejeição de suas idéias, que se tornam ameaçadoras ao sistema. É preciso lhe impingir um “pare”, e para tanto, as instituições repressivas, lhe alcunham de “o louco”, “o visionário”.

Desta ruptura entre natureza (ideal de Quaresma) e sociedade (poder constituído) é “inaugurado um comportamento novo: nasce a má consciência (repressão social) que Nietzsche identifica com a consciência de falta ou ressentimento crescido no dominado. “É este “ressentimento” ou “consciência de falta” que atinge Policarpo nos momentos de incompreensão para com a sua pessoa: “e desse modo ia levando a vida, metade na repartição, sem ser compreendido, e a outra metade em casa, também sem ser compreendido”.

A mágoa de Policarpo em relação àqueles que não entenderam os seus propósitos, o faz “esquívio” e “arredio”, quando recuperado deixa a “Casa de Saúde”. A sua transferência conseqüente para a “Fazenda Sossego”, demonstra como já o diz o próprio nome deste espaço geográfico, o espaço a que se delimita Quaresma: a interiorização. Ocorre nesta atitude o “processo de interiorização nietzscheana: o conflito entre as pulsões anárquicas da natureza e as pulsões do estado organizado, tornam impossível a exteriorização daquelas pela repressão das pulsões adquiridas”.

Esta introjeção policarpeana, oriunda da impossibilidade da exteriorização das pulsões anárquicas frente ao estado organizado, dotado de instrumentos intimidatórios, fortifica e ainda mais faz crescer o mundo subterrâneo desse idealista — comprovando a

teoria de Nietzsche, de que “o homem cresce interiormente quando a sua expansão para o exterior é entravada”.

A que leva esta “má consciência” ou “repressão social”?

Diz Nietzsche, “ao desespero de uma alma dupla — à divisão entre natureza e organização — que produz a desarmonia, instalando a dor”.

Eis Policarpo, o dúbio desajustado, onde é semeada a amargura dorida da marginalização.

Mas, não só ao “conflito acre”, transporta esta “má consciência, como também “a um universo subterrâneo, onde se forma o ideal”.

Como surge este ideal?

Conforme Nietzsche, da repressão. “O ideal é a única manifestação possível da força reduzida ao ressentimento — desencadeando uma guerra contra o senhor — opondo à interpretação nobre uma outra via: o ideal seduz, acena com a possibilidade de uma existência diferente”.

Este é o ideal de Policarpo — o reprimido — que como tal se opõe aos interesses do governo nacional, em atividade.

Ocorre, entretanto que: “o ideal necessita de apoio para se propagar” — proteção esta fugidia a Quaresma — que só recebe o reverso de tudo quanto almeja.

Sendo, “o verdadeiro movimento do ideal o de enfraquecer os fortes, para tanto precisando acusar” — percebemos que em Quaresma insurge a “acusação”, embora tenha sido uma solução ilusionista, na medida que representa somente a última forma de ação contra o total fracasso. O poder floriânico continua, enfraquecido, talvez, mas renitente.

Fica o “eco ideológico” de Policarpo, a ressoar nas suas atitudes de corrigir as normas preconceituosas e rígidas de uma sociedade que vive de aparências.

Fica o “ideal” — um “talvez” dentro da sociedade.

Esse “tal” que pode vir a ser a “vez” do oprimido.

III — A REBELIÃO HOBBIANA EM “TRISTE FIM DE POLICARPO QUARESMA”

Para Hobbes, “na constituição do Estado, a platéia (povo) é abolida, desde que o Ator (governo) encarna em si todos os súditos, e seus atos não se destinam mais à contemplação, somente à eficácia”.

Este distanciamento entre o “olhar” e o “fazer”, ou entre o “teatro do olhar” e o “teatro da produção”, conduz o *signo* (o agir da massa) a se opor à *marca originária* (a atuação do poder do soberano), cedendo lugar à rebelião.

A rebelião é portanto, uma contestação à “produção”, que desmerecendo a “opinião pública”, carece de “análise crítica”. Dentro deste enfoque, os indivíduos que são “neutros” (posição de olhar) em relação à marca (o poder estatal) não correm perigo.

Entretanto, aqueles que se configuram em “signos”, tentando agir através do olhar, e desta forma cindindo com a marca, são reprimidos pelos aparelhos de repressão do Estado.

A revolta, constitui sob este prisma, a quebra do pacto de união (da delegação de poder), revestindo-se de um *poder de olhar* — de um direito de opinar sobre as coisas públicas — discordando da natureza do Estado, onde o soberano tem em suas mãos todo o mando, cabendo aos súditos obedecer.

Em “Triste fim de Policarpo Quaresma”, esfervilham dois tipos de rebelião: a revolta individual (policarpo) e a revolta coletiva (a guerra civil), ambas apresentando implicitamente o mesmo germe da “insatisfação governista”, a ruptura com o pacto de união, institucionalizado pela “delegação do poder ao soberano Floriano.”

Quaresma, planteando o “signo” de toda uma coletividade — o subúrbio — onde a eficácia (o fazer) da república não pro — cria, é tangenciado ao devir do “anonimato social”. Neste desamparo pró — prio dos dominados — agarra-se ao auto-nacionalismo, ao fascínio do “olhar” das consciências filosóficas e portanto críticas, que procurando “opinar” sobre as coisas públicas (a língua oficial, as ações políticas, o mercado económico), incompatibiliza-se com o poder estatal constituído.

Esta incompatibilidade operadora da “rebelião policarpeana” é nascida do distanciamento entre o “olhar” e o “fazer”, que não têm amarras no governo republicano.

A República, a *marca*, incorpora-se apenas ao “fazer” das altas rodas da aparência política/administrativa, não se preocupando com os conceitos e bem-estar do povo a ela delegada.

Policarpo, o signo, ao contrário, transpira o poder do “olhar” — a opinião sobre as coisas pública — através de uma visão crítica.

Enquanto esta “projeção ocular” está incubada na sua vida autodidata nacional, a sua posição é de neutralidade, e portanto, de total e absoluto respeito individual. Mas, quando a sua criticidade invade o território da soberania, quando tenta agir através do olhar, em oposição ao sistema republicano, voltado apenas para o “fazer”, é reprimido pelo insulto verbal (o louco — o visionário — o subvertido) e físico (a prisão mortal).

Por que a rebelião quaresmiana não se legitima, quando para Hobbes este é o papel da revolução?

Ora, se a rebelião hobbiana só adquire lugar e sentido, quando transforma-se num *novo poder de mando*, esta perspectiva é vedada a Policarpo, já que ele é esmagado pela “marca”, na incapacidade de amealhar “olhar” e “fazer”.

Diz Hobbes, que “o pensador — por querer a eficácia — desafia um determinado poder apoiando-se na ambição de constituir outro mais justo, mas que a sua esperança de reconciliar autoridade e saber (poder e análise crítica) é utópica”.

O militante Policarpo, filósofo nacional, desafia o poder republicano, preocupado com um “fazer” sem fundamento crítico, na ambição de edificar outro mais justo. Entretanto, a sua impotência reside na impossibilidade de reconciliar autoridade e saber (fazer e olhar), acentuada no alheamento da sua sabedoria, rejeitada pelo Estado, que objetiva “convencer os súditos a suportarem a opressão que constitui o seu poder”.

Policarpo, o utopista, cego pelo ideal nacionalista, surge como “sujeito à história” — o louco — até que a descoberta da realidade sem fantasias, o faz “sujeito da história”. Utiliza o primeiro instrumento interdito pelo poder opressivo — a palavra — como meio para dedurar as violências políticas e sociais, executadas pelo governo, no qual tantas esperanças depositara, de realização dos seus sonhos desfeitos.

Quer como dominado pela ilusão de fortificar o poder Floriano, visto como um Sully, um Henrique IV, espalhando sábias leis agrárias, levantando o cultivador; quer como dominado pela revolta/acusação da decepção desmitificadora, Policarpo não consegue conceber o cruzamento entre “olhar” e “fazer”, porque em ambas as situações o seu “saber” é reprimido pelo “fazer”.

Ainda, segundo Hobbes, “a rebelião é um estupro da identidade, já que o Autor (o súdito), tenta renegar atos de seu Ator (o soberano), isto é, atos dele próprio. A revolta é suicidária, é agressão contra si mesmo”.

Desta forma, a rebelião de Policarpo, quando renega os atos de Floriano, é a renegação de seus próprios atos — de toda a luta ideológica que travara por um espaço mais rico e mais justo. Uma agressão contra si mesmo, por ter acreditado numa pátria inexistente, criada por seu pensamento nativista. Esta constatação é suicidária, na medida em que o “contra” às ações reinantes, é um “contra” à sua própria vida.

A guerra civil, outro momento revoltoso em “Triste fim de Policarpo Quaresma”, é exatamente como o fora a rebelião de Policarpo, um descontentamento para com o governo republicano de Floriano. Repercuta nesta situação política, a teoria hobbesiana de que “a rebelião é falha na máquina do Estado”.

“Os governos, com os seus inevitáveis processos de violência e hipocrisias, ficam alheados da simpatia dos que acreditam nele; e demais, esquecidos de sua vital impotência e inutilidade, levam a prometer o que não podem fazer, de forma a criar desesperados, que pedem sempre mudanças e mudanças. Não era pois de admirar que a moça (Olga) tendesse para os revoltosos; e Coleoni, estrangeiro e conhecendo, graças à sua vida, as nossas autoridades, calasse as suas simpatias num mutismo prudente.” (pp. 147)

Da cisão olhar/fazer do soberano Floriano, que semeou a indiferença, isto tanto em relação a Policarpo, como à sociedade marginalizada, não oferecendo canais adequados para o descontentamento, brotou a sedição.

Ambas as atitudes, de Policarpo e dos revoltosos militares, assumem o papel hobbesiano de “advertência” ao poder estatal, já que “a revolta não surgiria sob o comando de um senhor forte e eficiente.” De um soberano que tivesse unido ao “fazer” o “olhar”, o que bem se demonstrou não sendo o caso do governo republicano de Peixoto. Nele se distanciou povo de governo, através do relaxamento, da flacidez, do mando generalizado e autoritário da hipocrisia e da violência.

Não legitimadas as rebeliões individual e coletiva, é mantido o regime situacionista, o “fazer do bom-governo” — aquele que não permite aos cidadãos opinar sobre o andamento da coisa pública.

Inserese-se perfeitamente neste contexto, a vitória hobbiana — a manutenção do regime.

Inversamente, inscreve-se na obra a vitória barretiana, como *marca* de “adver-tência” e *signo* das injustiças político sociais.

CONCLUSÃO

Da projeção nietzsche-hobbiana em “Triste fim de Policarpo Quaresma, vislumbra-mos todo o processo de uma sociedade vivenciada.

A vida individual ou coletiva não preceitua o “repouso”, mas a “atividade” — quer como elementos de “força aparential”, quer como “força transformacional”.

Estas duas “vontades de potência” prolongam-se na obra barretiana, resultando na tensão entre o mundo peixoteano das aparências administrativas e sociais e o mundo quixoteano de Policarpo Quaresma, tentando criar uma sociedade diferente produzida pela união do “fazer” (poder) com o “olhar” (análise crítica).

Policarpo consegue ironicamente “criar”, mas não para o aproveitamento do “espa-ço real”, porquanto alimenta um “espaço imaginário”, que é consumido pela desagrega-ção repressiva. Como tal só transforma a si mesmo, através da degenerescência da sua posição social — o louco, o visionário, o morto.

Mas, independente desta rasteira sociológica, Policarpo, basicamente um anti-herói social, nos prova com a sua personalidade dúbia, que só é possível crescer com a “turbu-lência”, condutora ao questionamento do “Eu” com relação ao “Outro”.

A “tensão de forças opostas” é pois a consequência natural deste movimento para — a realização do homem e da sociedade, como impulso para o devir.

Os subterrados pela incapacidade de agir na sua “vontade de potência”, navalhados pela força da dominação, só encontram guarida no “ideal” — este segmento humano — que mantém os Policarpes do cosmos em busca constante do transmutar da realidade medíocre, opressiva e impotente.

Assim, justamente da negação do potencial interpretativo, das marcas floriânicas — redutos de aparências e incapacidades, os policarpes encontram o consolo — na denúncia.

Desta forma, satirizando os Genelícios e amargando os Policarpes, Lima Barreto, nos coloca frente a frente com a vida civilizada.

Deslegitimados os conflitos do universo ficcional barretiano, permanece a autoridade ignóbil dos Florianos.

No entanto, serão eles realmente os vencedores?

Para nós, vencem os homens quaresmianos, não a nível de dominação estatal, mas a nível de “força ideológica” — a que perpetua sob os grilhões da repressão — a coerência, a integridade, a viva consciência. Em Policarpo, o deparar-se com a realidade incompatível com os seus ideais, nos sensibiliza não como uma posição de “perda”, de “decadência”,

mas como o momento de maior lucidez crítica postada na narrativa. Esta chegada é o ponto de partida para a “advertência” de que a sociedade humana precisa atentar para os verdadeiros valores humanos e sociais.

O caminho — o fazer crítico — propiciador da superação dos governos déspotas, e da criação do poder eficiente, que como tal mesclando marca e signo, impede a insurreição das revoltas.

Esta obra da ficção nacional, representa na sua simplicidade artística, a “sociedade humana” de todas as épocas, onde sempre existirão os Policarpus reprimidos e batalhadores.

Nela transpira a queda dos somozas e pahlevis que habitam as nações mundiais. Pois reprimido morto, reprimido posto — e esta “soma” através da adversidade não conserva o poder estável, quando muito pode mantê-lo, se o respeito soberano/cidadão for recíproco.

O mundo que circula em Policarpo é pois um “Alerta” aos oprimidos e opressores da sociedade politizada.

* Mestranda em Letras na UFSC.
Prepara, atualmente, sua dissertação de Mestrado.

BIBLIOGRAFIA

- BARRETO, Lima. *Triste fim de Policarpo Quaresma*. São Paulo, Editora Brasiliense, 17ª edição, 1976.
- KOSSOVITCH, Leon. *Signos e poderes em Nietzsche*. São Paulo, Editora Ática, 1979.
- RIBEIRO, Renato Janine. *A marca do Leviatã*. São Paulo, Editora Ática, 1978.